

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O TURISMO ECOLÓGICO OU ECOTURISMO

AC299654

UFMT - Biblioteca Central
HEMEROTECA

Fernando Antônio Valença Floresta¹

RESUMO

O Turismo Ecológico ou Ecoturismo, como também é conhecido, constitui-se na modalidade turística que é apresentada como sendo aquela “ecologicamente correta”. Em estudos mais recentes, aparece como uma nova opção turística, que está ganhando cada vez mais adeptos e espaço entre os que apreciam a aventura e o contato com a natureza. É um turismo que consiste, essencialmente em viajar para áreas naturais não degradadas ou não poluídas, com o objetivo específico de estudar, admirar e desfrutar da paisagem, com seus atributos físicos e biológicos.

Palavras-Chave: Ecoturismo. Turismo Ecológico. Turismo Natural.

ABSTRACT

The Ecological Tourism, or Ecotourism as it also is known, is constituted in the tourist kind that is presented how being that one “ecologically correct”. In more recent studies, it appears like a new tourist option, which is gaining more and more followers and I space out between what they appreciate the adventure and the contact with the nature. It is a tourism that consists, essentially in travelling for not degraded natural or not polluted areas, with the specific objective to study, admiring and enjoying the scenery, with his physical and biological attributes.

Keywords: Ecotourism. Ecological Tourism. Natural Tourism.

Introdução

O Turismo Ecológico, entendido também como ecoturismo, conforme foi definido no Congresso Mundial, realizado em Belize no ano de 1992, e apresentado pela OMT (1993), é aquele turismo dedicado ao desfrute da natureza de uma forma mais ativa. Tem como objetivo conhecer e interpretar os valores naturais e culturais existentes, em estreita integração e interação com as comunidades locais, e com menores impactos sobre os recursos, visando consolidar e apoiar os espaços dedicados à preservação e manejo das áreas naturais onde se desenvolve, ou, aquelas outras áreas, que necessitem de ações prioritárias para a manutenção da biodiversidade. De acordo com EMBRATUR/IBAMA (1994, p. 12), o *turismo ecológico* ou *ecoturismo*, é definido como:

Um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável o patrimônio natural e cultural, incentiva a sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista, através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações envolvidas.

Ainda, conforme EMBRATUR/IBAMA (1994), o ecoturismo, também denominado de “turismo responsável”, “turismo ambiental”, “turismo natural” ou “turismo sustentável” constitui-se numa forma alternativa de turismo, cujos elementos naturais e culturais correspondem ao principal foco de atração e atenção do viajante. É, também, na sua essência, uma atividade geradora da *cultura conservacionista*, e um excelente vetor para o desenvolvimento sustentável. Adicionalmente, o ecoturismo se apresenta como uma opção tecnicamente viável para a manutenção econômica e dos recursos ambientais. Na definição da SUDAM/OEA (1997, p. 169):

¹ Geógrafo, Mestre em Engenharia de Produção (Gestão da Qualidade Ambiental), Técnico II da FEPAM (Fundação Estadual de Proteção Ambiental – RS).
Endereços Eletrônicos: geografo@terra.com.br; floresta@fepam.rs.gov.br.

Ecoturismo é o deslocamento a lugares relativamente pouco alterados e escassamente contaminados, com o objetivo específico de desenvolver estudos e pesquisas, como admirar e desfrutar das belezas cênicas, com as oportunidades de observação da flora e da fauna silvestre, bem como aquelas manifestações culturais existentes em tais áreas.

Blangy e Wood (1999, p. 61) definem ecoturismo como “viagem responsável a áreas naturais, com o fim de conservar o meio ambiente e promover o bem-estar da comunidade local”.

Para os autores, esse tipo de atividade está diretamente ligado à conservação dos recursos da área visitada, na medida em que a mesma pode constatar os reais problemas e identificar as possíveis soluções que afetem o quadro natural. Lindberg e Huber (1999, p. 144) entendem que:

O ecoturismo é uma indústria extremamente ampla e em crescimento em muitos países. Uma das principais vantagens do ecoturismo é a de proporcionar um impulso que favorece tanto a expansão da conservação quanto o desenvolvimento do turismo.

Goidanich e Moletta (2000, p. 9), reiterando EMBRATUR/IBAMA (1994):

O turismo ecológico, ou ecoturismo, é a prática dessa atividade em áreas naturais nativas, pouco alteradas ou já recuperadas, que utiliza o patrimônio natural de forma sustentável, incentivando a sua conservação, promovendo a formação de uma consciência ambientalista e garantindo o bem estar das populações envolvidas.

Acrescentam ainda as autoras que o segredo do turismo ecológico é encontrado na sustentabilidade dos atrativos considerados, de forma a não comprometer sua futura utilização, quando trata da exploração de áreas naturais, observando as devidas proporções com relação à segurança do ambiente utilizado. E, ainda, ao envolver um número cada vez maior de pessoas que desenvolvem atividades ligadas ao ramo; auxiliando, assim, na manutenção, organização e divulgação dos recursos disponibilizados.

Alguns autores fazem uma diferenciação entre *ecoturismo* e *turismo na natureza*. Fennel (2002), considera o “turismo na natureza” como uma viagem com o objetivo de apreciar todas aquelas áreas naturais ainda não desenvolvidas e/ou a vida selvagem que nelas se faz presente. Opondo-se à simples idéia de apreciação da natureza em seu estado original, em Goodwin *apud* Fennel (2002, p. 46), encontramos ecoturismo como sendo:

O turismo na natureza, de baixo impacto, que contribui à manutenção de espécies e habitats diretamente, por meio de uma contribuição à conservação e/ou indiretamente produzindo rendimentos para as comunidades locais, para que elas valorizem e, portanto, protejam suas áreas herdadas de vida selvagem como fonte de renda.

Ainda segundo Fennel (2002, p. 52), tem-se:

O ecoturismo é uma forma sustentável de turismo baseado nos recursos naturais, que focaliza principalmente a experiência e o aprendizado sobre a natureza; é gerido eticamente para manter um baixo impacto, é não-predatório e localmente orientado (controle, benefícios e escala). Ocorre tipicamente em áreas naturais, e deve contribuir para a conservação ou preservação destas.

Tendo-se a compreensão do ecoturismo como um fenômeno complexo na sua essência e componente básico para um desenvolvimento alicerçado na sustentabilidade, muitos aspectos precisam ser considerados de forma integrada e multidisciplinar, a fim de que os empreendimentos nessa modalidade sejam revestidos de sucesso. Um bom exemplo encontra-se num planejamento físico e gerencial criterioso, com a adoção de diretrizes que garantam uma implementação segura de projetos no setor (FLORESTA, 2002).

Para Ceballos-Lascuráin (1993), inventários sistemáticos e detalhados das atrações ecoturísticas (tanto naturais como culturais) de um país, de uma região ou de um local específico, devem ser elaborados levando em consideração que esses inventários são diferentes daqueles de natureza científica e que eles devem refletir o quão atraentes são as características listadas.

Assim, o ecoturismo deve abranger, em sua conceituação, a dimensão do conhecimento da natureza, a experiência educacional interpretativa, a valorização das culturas tradicionais locais e a promoção do desenvolvimento sustentável. Sendo uma ação de prática livre ou com um prévio (e recomendado) planejamento, que diz respeito à apreciação e uso de um espaço natural e/ou cultural, devendo envolver todas as partes beneficiadas e interessadas na manutenção das melhores condições do meio físico-biológico utilizado. O crescente envolvimento da sociedade nas questões ambientais, pressionando governos e instituições para o estabelecimento de requisitos cada vez mais rígidos, quanto ao impacto ambiental na implantação de empreendimentos, aliado à crescente busca do homem por uma relação mais íntima e freqüente com a natureza, recomenda a não restrição do conceito de ecoturismo, de forma a acompanhar a dinâmica desse segmento. A atividade de ecoturismo passa, atualmente, por uma transição de “produto turístico” para um “conceito de viagem”, sendo que os componentes da definição podem vir a ser integralmente absorvidos por outros segmentos ou atividades do turismo, que talvez hoje não sejam considerados ecoturísticos, mas, cuja evolução deve ser incentivada.

Segundo Floresta (1999, p. 2):

Sendo um dos segmentos turísticos que atualmente apresenta maior expansão, o ecoturismo é direcionado aos turistas que normalmente mostram-se mais sensíveis ao ambiente como um todo, e ainda querem aprender um pouco mais sobre ecologia, geografia e culturas locais. O incremento deste setor, embora combine a exploração não destrutiva do meio natural, com pretensões de gerar recursos que o conservem, não aparece como uma empreitada de simples execução. Pelas suas especificidades e grande número de atividades envolvidas, necessita de um detalhado planejamento estratégico.

Desse modo, e conforme se pode constatar, o ecoturismo aparece como uma modalidade turística direcionada à exploração racional do meio ou, em outras palavras, da sua utilização de forma ecologicamente correta. E isso, tendo em vista um desenvolvimento sustentado das áreas com atrativos turísticos, ao mesmo tempo que, ao proporcionar um contato direto com “o verde”, procura exercer um certo fascínio sobre os visitantes. Enfoca-se, então, a importância do contato das pessoas com o meio natural, através do desenvolvimento de uma visão integrada dos elementos constituintes da paisagem, necessário à aquisição de uma consciência mais acurada e reflexiva, indutora de novos posicionamentos.

Segundo Ruschmann (1997), a preservação do meio ambiente depende de uma política turística realmente eficaz, que leve em consideração, entre outros fatores, a condução racional da ocupação territorial pelas facilidades turísticas e equipamentos de lazer postos à disposição, bem como pelo controle do seu crescimento, visando salvaguardar a atratividade e a originalidade das atrações para as gerações futuras (turismo sustentável).

Mostrado como recente mania da classe média e sendo responsável pelo surgimento de novos hábitos de consumo, nesse caso o da busca de um contato mais direto com a natureza, o ecoturismo ainda sofre a falta de promoção e divulgação das belezas naturais onde se desenvolve. A isto aliam-se as deficiências de infra-estrutura e de comunicação que, sobremaneira, acabam atrapalhando o incremento desse setor.

O ecoturismo, para ser bem desenvolvido e trazer os retornos almejados quanto ao conhecimento, reconhecimento e preservação das áreas envolvidas, associadas aos cenários reais para as práticas *in situ* de educação ambiental que os atrativos naturais proporcionam, requer um planejamento bem elaborado: a) o zoneamento adequado; b) a delimitação correta dos locais de visitaçao; c) o estabelecimento do número ideal de visitantes, de maneira a não quebrar ou ferir a harmonia ambiental. Essas operações requerem um rigoroso processo de planificação, com vistas à manutenção e a melhoria da qualidade do produto turístico. A importância do planejamento ecoturístico está diretamente ligada ao grau de conhecimento, responsabilidade, capacitação técnica e competência, que deverá ser buscado e trabalhado, para o pleno desenvolvimento de um projeto consistente de exploração do atrativo turístico natural que se almeja “vender”.

Considerado uma das modalidades alternativas do turismo, o ecológico acaba vindo ao encontro das melhores e mais avançadas propostas educacionais, envolvendo o ambiente (Educação Ambiental) e a conseqüente valorização dos patrimônios natural e cultural das comunidades envolvidas. Para um planejamento ecoturístico tecnicamente bem estruturado e ambientalmente responsável, há que se requerer um completo e prévio estudo da área a ser trabalhada e visitada. Assim, buscar-se-á um conhecimento que permita tanto aos agentes condutores, como aos visitantes, identificar as potencialidades, capacidades e demais condicionantes necessários a sua equilibrada utilização.

Entre os aspectos mais destacados e valorizados do ecoturismo, e que por conseguinte deverá nortear qualquer plano, está o de contribuir de forma direta ou indireta com a conservação da biodiversidade da área onde ele se desenvolve. Para Ceballos-Lascuráin (1993) é um tipo de turismo, cuja premissa básica consiste no aproveitamento do atrativo por parte das futuras gerações, e que ele não seja afetado negativamente pelos visitantes contemporâneos. E isso, em linguagem ainda mais atual, é o pressuposto básico da sustentabilidade. Seabra (2001), por sua vez, acha que não se deve ficar apenas no diagnóstico das potencialidades, para orientar a exploração turística, mas detectar as fragilidades contidas nos sistemas ambientais e sugerir o procedimento técnico-econômico mais adequado.

De acordo com Bressan (1996, p. 92), a biodiversidade representa “uma alavanca importante para novos projetos de desenvolvimento, baseados no reconhecimento da ordem de relações que caracterizam os ecossistemas e nas numerosas alternativas de uso potencial contidas em cada um deles”.

O modelo de desenvolvimento sustentável tem sido incorporado às propostas e diretrizes de um planejamento turístico que se queira “política e ecologicamente correto”, consolidado na sua essência e gerador de melhorias.

Em decorrência do constante crescimento do turismo, não é mais possível a concepção de projetos nessa área, sem que exista um planejamento bem consolidado e, antes de tudo, baseado nas fundamentais premissas da sustentabilidade ambiental, econômica e sociocultural que a questão merece. Pearce e Butler (2002) entendem que podemos usar esse “planejamento”, associado a um desenvolvimento integrado. Isto é, como o processo de introdução do turismo em uma área, de modo a mesclá-lo com os elementos já existentes. Ele esclarece ainda que tal introdução e mescla, devem ser levadas a efeito, de maneira harmoniosa e adequada, de modo a permitir uma combinação aceitável e funcionalmente ideal, tanto em termos ecológicos como humanos.

Segundo Baptista (1997), o ambiente natural e o patrimônio cultural constituem fatores importantíssimos na composição da oferta primária ou original (atributos físicos e culturais) para a atividade turística. No entendimento de alguns especialistas, ambiente e cultura apresentam-se tão intimamente ligados que se torna inviável qualquer pretensão de estudo ou projeto envolvendo turismo que não os contemple de forma racional. E explorar racionalmente, na visão de La Torre (1985), é dispor com sensatez e fazer uso dos recursos existentes da forma mais adequada possível, isto é, seguindo uma metodologia que contemple a integração entre o homem e a natureza; já que são eles, o produto de um processo integrado.

Trigo (2001) reforça essa argumentação e complementa: “o turismo precisa ser planejado, sustentável e coibir as discrepâncias sociais”. Na sua apreciação, o turismo não é apenas um olhar superficial e limitado sobre diferentes culturas e paisagens. Pois ele pode e deve esforçar-se na compreensão, de forma mais aprofundada, da efetiva interdependência entre os atributos físicos, humanos e biológicos que a questão encerra.

Assim, entendida a importância da “valorização ambiental” do homem como agente maior desta valorização e, ainda, de acordo com Ruschmann (1997), considerando o turismo contemporâneo como um grande consumidor de natureza. Faz-se necessária uma aplicação de técnicas avaliativas e preventivas dos riscos a que estão sujeitos os trabalhos levados a público de forma amadora e bastante irresponsável com relação ao binômio “homem-natureza”, que só tendem a comprometer empreendimentos, na maioria das vezes, bem intencionados, mas pouco preocupados com questões de cunho ambiental mais amplo.

Através do conhecimento prévio do local onde se pretende desenvolver uma atividade turística exploratória (que deverá ser buscada através de uma qualificada avaliação técnica geral de toda área), bem como da definição e apresentação detalhada do “atrativo turístico” identificado, poderá se oferecer e, principalmente vender o produto em questão, com melhor garantia de qualidade e satisfação quanto às expectativas de futuros usuários.

Assim, a solução para que se possa evitar os impactos negativos oriundos da má utilização dos recursos naturais, não está simplesmente em protegê-los ou proibir seu uso. Mas, principalmente, na sua utilização de forma mais racional, de modo que seja assegurada sua permanência em condições aceitáveis de qualidade (RANGEL, 2000).

A utilização dos recursos naturais de modo intenso, excessivo e/ou inadequado, sem que seja concedido o tempo mínimo para a necessária renovação, tem levado a níveis assustadores a poluição das águas, dos solos e do ar. Com isso, ecossistemas estão perdendo sua biodiversidade de forma impressionante e, em alguns casos, chegando praticamente a situação de irreversibilidade dos fenômenos geradores da degradação:

O turismo ecológico poderá ser um agente eficaz de preservação e divulgação das riquezas naturais se existir um plano de ação, apoiado na infraestrutura adequada, educação ambiental, criatividade e recursos financeiros (GOIDANICH; MOLETTA, 2000, p. 17).

Dessa forma, trabalhar com o número máximo de pessoas que um recurso turístico pode suportar, antes que ocorram impactos prejudiciais no ambiente físico e social, constitui-se na melhor forma de se desenvolver um turismo realmente sustentável.

A Atividade Ecoturística no Brasil

Apresentado como uma ferramenta de grande aceitação, em razão dos benefícios que propicia através da utilização sustentável dos recursos naturais, o ecoturismo é uma das práticas que mais cresce em nosso país, segundo dados recentes do Instituto de Ecoturismo do Brasil – IEB. O ecoturismo praticado no Brasil foi uma atividade bastante desordenada, impulsionada quase que exclusivamente pela oportunidade mercadológica, deixando, a rigor, de gerar os benefícios socioeconômicos e ambientais esperados, assim como comprometendo, não raro, o conceito de imagem do produto ecoturístico brasileiro nos mercados interno e externo (EMBRATUR/IBAMA, 1994).

Sob o nome Ecoturismo, muitas atividades têm sido praticadas, algumas com perfil esportivo, aventureiro ou científico. Não importa. O contato com a natureza, a contemplação da fauna, da flora e das diversas culturas brasileiras estão garantidas na riqueza das suas paisagens.

Segundo pesquisa realizada em 1994 (RUSCHAMANN, 1997), o que motiva as pessoas a comprar um pacote de Ecoturismo é, primeiramente, o contato com a natureza, seguido da busca de aventura e emoção, da curiosidade, da necessidade de estar com amigos ou conhecer novas pessoas, estudar o meio ambiente ou simplesmente, exercitar-se.

As atividades mais comuns são caminhadas por trilhas, por entre matas de rica biodiversidade, passando por grutas e cavernas, relaxando em banhos de rios e cachoeiras, passeios de barco e *raftings*, safáris fotográficos e visitas a comunidades tradicionais.

Constituindo-se num importante setor da comercialização turística, essa modalidade, principalmente no Brasil, conta com um precário embasamento técnico-científico que permite seu efetivo desenvolvimento dentro dos padrões mínimos e recomendáveis de sustentabilidade e suportabilidade do meio.

Desde meados dos anos oitentas, o nome “ecoturismo” passou a integrar o mercado brasileiro. Com a ampliação da demanda e da oferta ecoturística, a atividade passou a chamar a atenção das autoridades governamentais brasileiras que trataram de estabelecer programas específicos para esse segmento. O primeiro estabelecido pela EMBRATUR, em 1987, denominado “Projeto Turismo Ecológico”, não surtiu efeito.

Considerando-se o ambiente como a base dos recursos naturais e culturais para qualquer atração turística que se busque desenvolver, protegê-lo deverá ser uma prioridade para a consolidação de tal setor.

O desenvolvimento sustentável do meio que se vai explorar turisticamente é que irá garantir o sucesso das atividades e modalidades, nesse caso, o ecoturismo a ser trabalhado na área.

Comenta Rangel (2000) que dentro de uma visão de desenvolvimento sustentável deve-se estimular a adoção da produção e do consumo de um produto, de maneira que se atenda à proposta de sustentabilidade. Para esse autor, quanto maior for o contato e o entendimento das pessoas com relação ao meio ambiente e às possibilidades proporcionadas pela sua correta utilização, maior será o grau de satisfação consigo mesmo e com seus semelhantes.

Nos últimos anos, o ecoturismo tem recebido um tratamento diferenciado por parte das autoridades governamentais brasileiras. Um Grupo de Trabalho organizado pelos então Ministério da Indústria, Comércio e Turismo e do Ministério do Meio Ambiente e da Amazônia Legal, na cidade de Goiás (antiga Goiás Velho), no ano de 1994 (constituído por técnicos do EMBRATUR, especialistas e empresários do setor), buscou formular um “Conceito Brasileiro” do *Ecoturismo*, inspirado em anseios e experiências na área. Neste GT foram traçadas, também, as *Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo*.

Os objetivos básicos da Política Nacional de Ecoturismo visam:

- compatibilizar as atividades de ecoturismo com a conservação de áreas naturais;
- fortalecer a cooperação interinstitucional;
- possibilitar a participação efetiva de todos os segmentos atuantes no setor;
- promover e estimular a capacitação de recursos humanos para o ecoturismo;
- promover, incentivar e estimular a criação e melhoria da infra-estrutura para a atividade de ecoturismo;
- promover o aproveitamento do ecoturismo como veículo de educação ambiental.

A partir desta definição, e aliados aos conceitos desenvolvidos por diversos especialistas internacionais, foram definidos os princípios e critérios a serem adotados pelo ecoturismo (Projeto OCE - Oficinas de Capacitação em Ecoturismo, 1994). Eles permitem sua identificação diferenciada perante o turismo convencional, consagrando conceitos e práticas que vêm sendo adotados também por parte do empresariado ligado ao turismo convencional, tornando-se tendências que deveriam ser seguidas por qualquer atividade turística responsável EMBRATUR/IBAMA (1994).

Hoje o Brasil procura implementar essa política através de programas em níveis regional e local, ainda que pesem os sempre presentes problemas burocráticos, conceituais e financeiros.

Princípios e Critérios do Ecoturismo

Os princípios e critérios do ecoturismo são elementos norteadores para o planejamento da atividade, de modo a permitir o controle e monitoramento dos impactos, bem como potencializar os benefícios que caracterizam a atividade.

Princípios

- conservação e utilização sustentável dos recursos naturais e culturais;
- informação e interpretação ambiental;
- geração de recursos;
- reversão dos benefícios para a comunidade local e para a conservação dos recursos naturais e culturais;
- participação e envolvimento da comunidade local.

Critérios

- manejo ambiental e administração do empreendimento;
- associações e parcerias entre os setores governamentais e não governamentais locais, regionais e nacionais;
- educação ambiental para o turista e para a comunidade local;
- guias conscientes, interessados e responsáveis;
- planejamento integrado, com preferência à regionalização;
- promoção de experiências únicas e inesquecíveis em um destino exótico;
- monitoramento e avaliação constantes;
- turismo de baixo impacto;
- código de ética para o mercado do ecoturismo.

A realidade urbana com a qual o turista convive rotineiramente passa a ser questionada, gerando reflexões sobre poluição dos grandes centros, manutenção de áreas verdes, destinação e reciclagem de lixo e qualidade de vida. Objetiva-se, assim, a incorporação e tradução dessas reflexões na forma de comportamento e posturas no seu ambiente de origem.

Atividades de ecoturismo procuram promover programas sérios e infra-estrutura segura e profissional, oferecendo e praticando a educação ambiental de forma multidisciplinar, com guias especializados em atrativos naturais.

O desenvolvimento de roteiros e programas diferenciados para vários tipos de ambientes, associados à transmissão de informações e conceitos, levam com relativa facilidade ao aprendizado. Mas o grande legado deixado para o turista, sem dúvida nenhuma, é a compreensão e a consciência da importância de se preservar o ambiente natural, a história e a cultura dos lugares visitados.

O Perfil do Ecoturista

Observa-se um nítido aumento no tipo de consumidor que está atento para as questões ambientais do planeta e, em razão disso, traz uma saudável preocupação em contribuir (fazendo a sua parte) para manutenção dos recursos naturais e do equilíbrio dos ecossistemas. Esse consumidor, no caso turista/consumidor, tem adquirido consciência de que ele não está isento de culpa; começando então a questionar-se sobre como são obtidos e fabricados os produtos de que faz uso. Parece ser esse fato uma nova tendência de mercado, na medida em que, cada vez mais, a humanidade se depara com alertas sobre catástrofes ambientais e fenômenos associados. Isto é, há um despertar coletivo de consciência, voltado à compreensão de que a natureza está em constante mutação. Responde direta e mais rapidamente do que se supõe às intervenções antrópicas e, principalmente, necessita de medidas de conservação e/ou preservação para assegurar sua continuidade em condições ainda favoráveis.

Os consumidores do ecoturismo possuem características próprias e, de certa forma, conhecidas do mercado. Enquadram-se como aqueles que possuem bom nível cultural/educacional, geralmente com formação universitária; possuem entre médio e alto poder de compra e idade compreendida entre 20 e 40 anos. Outras características dizem respeito às motivações para a viagem de ecoturismo.

Resumidamente, o ecoturista atual visa obter, dentre outras coisas, um contato mais direto e intenso com a natureza, a busca pelo exótico ou incomum, o encontro com culturas, tradições e ambientes únicos. Isso tudo através dessa modalidade, que também aparece rotulada de “*Turismo Verde*”.

Associa-se aí um fenômeno identificado como “Mercado Verde”, que tem crescido consideravelmente nos Estados Unidos e na Europa, nos últimos anos. Na Alemanha, por exemplo, os produtos verdes, aqueles produzidos com pouco ou nenhum prejuízo ao meio ambiente, já conquistaram significativa parcela de mercado. Os artigos com embalagens recicladas ou que utilizam matérias-primas de fontes sustentáveis são uma realidade naquele país há mais de uma década.

A adoção cada vez mais ampla das normas internacionais de padronização ambiental, por parte das empresas privadas, reforça a tese de que produtos que respeitam o meio ambiente, desde as fases de produção e distribuição até o descarte de resíduos e embalagens, terão um novo e expressivo nicho de mercado consumidor a ser explorado. Por essas razões, assim como qualquer produto de consumo, o turismo, ou, mais especificamente, o ecoturismo, devem seguir os preceitos estabelecidos em tais diretrizes.

Os consumidores do artigo “ecoturismo” têm demonstrado grande atenção para com aqueles produtos que dão suporte às comunidades locais, incrementando sua conservação e educando seus clientes sobre como minimizar os impactos ambientais, bem como mostrando a importância de se respeitar os aspectos culturais envolvidos.

Nota-se que, de modo geral, os usuários querem informações mais consistentes sobre o destino, as características do meio ambiente e as manifestações culturais na área do atrativo a ser visitado.

O turismo convencional tem sempre grande divulgação na mídia. Na maioria das vezes, mostra-se como um forte causador de impactos prejudiciais ao núcleo receptor. Um plano de *marketing* para o ecoturismo necessita, principalmente, do desenvolvimento de um produto que gere o menor impacto possível, tanto no ambiente quanto na cultura local. Nesse sentido, deve-se, em primeiro lugar providenciar um minucioso estudo de mercado para diagnosticar a sensibilidade do núcleo receptor em suportar as demandas provocadas pelo turismo.

Para Dantas (1999), apesar de toda a carência de tecnologias, de material humano (especialistas) e de modelos metodológicos para avaliar os impactos e a *Capacidade de Carga* ou *Suporte* de um núcleo, bastaria um diagnóstico, mesmo que empírico, aliado a uma atenta observação do fluxo turístico, e bom senso para se verificar as possibilidades de geração mínima de fatores nocivos.

Não faz sentido, dentro da promoção de venda de um produto ecoturístico, a convocação de grupos numerosos, tal qual um artigo de massa. Deve-se, sim, dentro de uma visão de desenvolvimento sustentável, estimular a adoção também da produção e do consumo sustentável do referido produto.

Geralmente, os consumidores provenientes de grandes centros urbanos, não têm consciência de que a utilização do produto turístico gera uma maior demanda de consumo, principalmente de recursos naturais sensíveis a altas cargas turísticas, afetando seu equilíbrio e a própria capacidade de atração de novos fluxos.

Para tanto, é necessário, por parte dos agentes ecoturísticos, além de um profundo conhecimento em ciências ambientais, um eficiente domínio das ferramentas de comunicação. A mensagem transmitida não deve ser somente expositiva e unidirecional. Necessita sim, incentivar e induzir a reflexões e reações, de forma que se motive o consumidor a assumir responsabilidades. Deve-se evitar mensagens sensacionalistas e catastróficas, ou aquelas que provocam medo e culpa. A comunicação com o turista deve partir da premissa de que ele próprio já sofreu ou sofre, em seu cotidiano, algum tipo de problema ambiental e a viagem ao ambiente natural objetiva, primeiramente, o contato positivo com o meio ambiente (DANTAS, 1999).

Através da Educação Ambiental, associada às atividades ecoturísticas e adequada a cada público e ambiente, objetiva-se despertar no turista a necessidade de conservação do meio ambiente, aliado ao desenvolvimento econômico e social, como garantia de melhoria da qualidade de vida e manutenção do equilíbrio planetário para as próximas gerações.

Para Rangel (2000, p. 31):

A educação ambiental é um passo muito importante para que se consiga preservar qualquer área com destinação turística. Para que isso ocorra, é necessário que uma série de fatores sejam postos em prática: uma legislação ambiental, campanhas educativas, elaboração de um processo eficaz para a destinação do lixo, do esgoto, dos produtos químicos como também tratamento de águas, reciclagem e reflorestamento. Para que isso se realize, é

importante que um processo de conscientização e responsabilidade para com o meio ambiente seja bem implantado e administrado, passando por correções e avaliações de tempos em tempos.

Uma educação preocupada com o meio ambiente deve focar as relações entre o ser humano e a natureza, de forma universal e integrada, isto é, interdisciplinar. Ajudando, assim, o desenvolvimento de uma consciência ética sobre todas as formas de vida com as quais compartilha este planeta.

Com isso, o ecoturismo, na sua essência, permite que a Educação Ambiental seja trabalhada de tal modo que o visitante tenha a oportunidade de vivenciar suas próprias experiências. Deve-se, nessa medida, questionar sobre os fatos e coisas observadas e, principalmente, buscar respostas a essas questões. Nesse sentido, os guias e/ou condutores de ecoturismo devem procurar levar o visitante a um novo posicionamento; provocando e estimulando suas reflexões e valorizando, deste modo, seus conhecimentos prévios e buscando uma participação mais efetiva na atividade proposta.

Da relação entre ambiência e ensino surge o ecoturismo como um dos mais inteligentes instrumentos de viabilização econômica e social, para o gerenciamento correto dos recursos naturais.

No entanto, para que o ecoturismo possa efetivamente constituir-se numa estrutura sólida, acessível e permanente é preciso que esteja alicerçado em diretrizes coerentes com as solicitações do mercado; tecnologicamente adequadas e democraticamente construídas.

A educação para o meio ambiente implica em um processo de sensibilização, transmissão de conhecimento e busca de um comprometimento do visitante enquanto cidadão, visando sua conscientização para modificação de comportamentos, valores e hábitos sociais.

Impactos e Benefícios do Ecoturismo

Todos os impactos negativos ou positivos oriundos das atividades ecoturísticas encontram-se, em princípio, relacionados aos danos potenciais ao meio ambiente e à comunidade de entorno. Segundo apresenta Serrano (2000), dois são os grandes impactos do ecoturismo: os *ecológicos* (provocadores de alterações no ambiente, através da degradação do solo, dos recursos hídricos, da flora e do comprometimento da fauna), e os *sociais* (causadores de diminuição na qualidade das experiências dos visitantes).

Para Goidanich e Moletta (2000, p. 24):

Os impactos negativos podem ocorrer mesmo naqueles grupos de turistas bem conscientes e integrados no meio ambiente, os pseudocientistas. Entretanto, são mais freqüentes e com maior intensidade naqueles grupos formados pelos turistas casuais, excêntricos, aventureiros ou alternativos.

Com efeito, a fragilidade dos ecossistemas naturais, muitas vezes, não absorve o número elevado de visitantes e, muito menos suporta o tráfego excessivo de veículos pesados. Por outro lado, com relação à infra-estrutura necessária, é de se observar que, se não atendidas as normas pré-estabelecidas, poderá ocorrer um comprometimento acentuado do meio ambiente, ocasionado, principalmente, por alterações na paisagem, na conformação topográfica, no sistema hídrico e na conservação da flora e fauna.

A perturbação das populações residentes, quando não trabalhadas dentro da conjuntura turística, se configura, também, como outro grande risco. A simples presença de guias ou condutores e grupos de ecoturistas (quase sempre sem nenhuma ligação mais direta ou afetiva com a região) podem gerar incompatibilidades de valores em relação ao comportamento local, ocasionando conflitos e choques culturais.

Porém, em contraposição aos riscos que o meio físico-geográfico está sujeito e aos distúrbios comunitários passíveis de acontecer, o ecoturismo também pode e deve trazer significativos benefícios econômicos, sociais e ambientais para todos, tais como:

- diversificação da cultura regional através da indução do estabelecimento de micros e pequenos negócios;
- geração local de empregos;
- fixação da população no interior;
- melhoria das infra-estruturas de transporte, comunicações e saneamento;
- criação de alternativas de arrecadação para as Unidades de Conservação;
- causar menor impacto sobre os patrimônios natural e cultural;
- causar menor impacto nos planos estético-paisagísticos;
- possibilitar melhoria nos equipamentos e serviços das áreas protegidas.

Atualmente, considera-se o termo “impacto”, como sendo qualquer alteração nas propriedades físicas, químicas e biológicas do meio ambiente, causado por qualquer forma de matéria ou energia, decorrentes das atividades antrópicas (humanas), que direta ou indiretamente prejudiquem ou comprometam:

- a saúde, segurança e o bem estar da população;
- as atividades sociais e econômicas;
- a biota;
- as condições estéticas e sanitárias do meio ambiente;
- a qualidade dos recursos naturais.

Ressalta-se que, desde que as atividades ecoturísticas sejam corretamente planejadas, os ditos impactos poderão ser minimizados e os benefícios potencializados.

Abaixo, são apresentados os principais impactos e benefícios do ecoturismo, levando-se em consideração os níveis local e regional das ações.

No campo sociocultural:

Resultante do desenvolvimento das atividades humanas e que compreende o conjunto de manifestações culturais, materiais ou espirituais de um local, região ou país.

Impactos

- perda de valores culturais tradicionais;
- conflitos entre usuários da comunidade e visitantes.

Benefícios

- investimento na infra-estrutura viária, no abastecimento, em equipamentos médicos e sanitários;
- Estímulo ao artesanato local e às manifestações culturais tradicionais.

No campo econômico:

Medidas políticas e soluções técnicas que possibilitem uma melhor utilização dos recursos, isto é, dos bens e serviços direcionados ao consumo.

Impactos

- sobrevalorização de terras e imóveis;
- aumento do custo de vida;
- pressões para a superexploração de áreas turísticas.

Benefícios

- geração de emprego;
- melhor distribuição de renda.

No campo físico-geográfico:

Totalidade dos recursos naturais que estão distribuídos no espaço geográfico, e que constituem aquilo que se convencionou chamar paisagem.

Impactos

- descaracterização da paisagem;
- poluição da água, do solo, sonora e do ar.

Benefícios

- manutenção da paisagem;
- controle da poluição.

No campo da flora e fauna silvestres:

Âmbito onde são considerados todos organismos que compõem a parte viva do ecossistema.

Impactos

- alterações na reprodução, comportamento e hábitos alimentares da biota;
- coleta e comércio ilegal de espécies silvestres;
- erosão e desmatamento em trilhas;
- estradas inadequadas;
- meios de transporte poluentes.

Benefícios

- auxílio na conservação de áreas naturais;
- conscientização sobre o equilíbrio do meio ambiente.

Uma Breve Conclusão

A condição básica e imprescindível para o ecoturismo é o desenvolvimento harmônico dessa atividade, isto é, com adoção de parâmetros para a implantação da infra-estrutura necessária. A exploração far-se-á de forma compatível com o meio, com o devido respeito e valorização à cultura local. É fundamental, também, um dimensionamento do número de visitantes e do fluxo de transporte.

Referências

- BAPTISTA, Mário. **Turismo: Competitividade sustentável**. Lisboa/São Paulo: VERBO, 1997, p. 618.
- BLANGY, Sylvie; WOOD, Megan Epler. Desenvolvendo e Implementando Diretrizes Ecoturísticas para Áreas Naturais e Comunidades Vizinhas. In: LINDBERG, Kreg & HAWKINS, Donald E. **Ecoturismo: Um Guia para Planejamento e Gestão**. Tradução: Leila Cristina de M. Darin. 2. ed. São Paulo: SENAC, 1999, p. 59-94.
- BRESSAN, Delmar. **Gestão Racional da Natureza**. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 111 (Geografia: Teoria e Realidade, 33).
- CEBALLOS-LASCURÁIN, Hector. **The IUCN ecotourism consultancy programme**. México: DF, 1993.
- DANTAS, Ana Lúcia de Faria Lucena. **Atividade turística e os caminhos sustentáveis: um estudo de caso no município de Rancho Queimado, SC**. Florianópolis: UFSC, 1999, p. 111. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, 1999.
- EMBRATUR / IBAMA. **Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo**, Brasília, 1994.
- FENNEL, David A. **Ecoturismo: uma introdução**. Tradução: Inês Lobbauer. São Paulo: Contexto, 2002. (Coleção Turismo Contexto).

- FLORESTA, Fernando Antônio Valença. **Desmistificando o ecoturismo** (1). *A Razão*, Santa Maria, 19 mar. 1999, p. 2.
- _____. Ecoturismo gerando ecotrabalho. *A Razão*, Santa Maria, 13 set., 2002, p. 2.
- GOIDANICH, Karin Leyser; MOLETTA, Vania Florentino. **Turismo ecológico**. 3. ed. Porto Alegre: SEBRAE/RS, 2000, p. 62. (Série Desenvolvendo o Turismo, 2).
- LA TORRE, Oscar de. **El turismo: fenómeno social**. México: Fondo de Cultura Económica, 1985, p. 162.
- LINDBERG, Kreg; HAWKINS, Donald E. **Ecoturismo: Um Guia para Planejamento e Gestão**. Tradução: Leila Cristina de M. Darin. 2. ed. São Paulo: SENAC, 1999, p. 292.
- ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE TURISMO. **Desarrollo Turístico Sostenible**. Madrid, España: OMT, 1993.
- PEARCE, Douglas G.; BUTLER, Richard W. (Orgs.). **Desenvolvimento em turismo: temas contemporâneos**. Tradução: Edite Sciulli. São Paulo: Contexto, 2002, p. 325.
- RANGEL, Sheila. **A contribuição do turismo para o desenvolvimento de pequenas localidades**. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2000. Florianópolis: UFSC, 2000, p. 94.
- RUSCHMANN, Doris van de Meene. **Turismo e Planejamento Sustentável: A Proteção do Meio Ambiente**. 6. ed. Campinas, SP: Papirus, 1997, p. 200. (Coleção Turismo).
- SEABRA, Giovanni de Farias. **Ecos do Turismo: O Turismo Ecológico em Áreas Protegidas**. Campinas, SP: Papirus, 2001, p. 96. (Coleção Turismo).
- SERRANO, Célia (Org.). **A educação pelas pedras: ecoturismo e educação ambiental**. São Paulo: Chronos, 2000, p. 190.
- SERRANO, Célia; BRUHNS, Heloísa Turini; LUCHIARI, Maria Tereza D. P. (Orgs.). **Olhares contemporâneos sobre o turismo**. Campinas: Papirus, 2000, p. 206.
- SUDAM / OEA. Linhas básicas para um programa de desenvolvimento do turismo na Região Amazônica. In: RODRIGUES, Adyr B. **Turismo e ambiente: reflexões e propostas**. São Paulo: Hucitec, 1997.
- TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **Turismo e qualidade: tendências contemporâneas**. Campinas, SP: Papirus, 1993, p. 121.